

CULTURA

& recreio

Edição N.º 5

Maio de 2009

Publicação do Associativismo Feirense

FESTA DE ENCERRAMENTO DO CURSO DE **INSTRUMENTOS TRADICIONAIS**

09 JUNHO 2009
21H30

Sede do Rancho Folclórico
"As Florinhas" de Caldas de S. Jorge

Director: António Pinto Distribuição gratuita



Organização Federação das Colectividades



Editorial



Num tempo de grande encruzilhada para todos, em que as notícias nos surpreendem umas atrás das outras, cada vez com uma carga mais negativa, dando-nos como certeza um panorama cada vez mais negro, como que a anunciar o apocalipse como futuro. O certo é que cada vez a crise económica é mais severa, as dificuldades das pessoas tornam-se cada vez mais acentuadas e difíceis e não nos apresentam qualquer sinal de esperança que nos conduza a uma saída que signifique melhores condições de vida, melhor qualidade de vida, mais condições para o desenvolvimento das associações.

Esta crise que é transversal a toda a sociedade, não pode nem é indiferente ao movimento associativo. Tem consequências objectivas na vida de cada dirigente e de cada uma das associações, na forma como nos situamos e nos posicionamos no nosso dia-a-dia e da maneira como gerimos as nossas associações. É preciso racionalizarmos bem os nossos meios a todos níveis e sermos criteriosos na forma como orientamos as opções e acções, por forma a sermos capazes de fazermos mais e melhor com menos meios, sobretudo os financeiros.

É necessário apelarmos ao nosso sentido de responsabilidade colectiva e sermos capazes de convergir, no sentido de rentabilizar bem os nossos meios, de os partilhar colectivamente, de forma a juntarmos sinergias capazes de responder às dificuldades que temos pela frente e de juntos, aproveitando as capacidades de cada um em particular e de todos no seu conjunto, promovermos cada vez com mais evidência a dimensão cultural do nosso povo e promovermos ao mais alto nível as suas raízes e dimensões culturais mais profunda. É tempo de olharmos de frente e afirmarmos que o futuro pertence-nos, que é possível encontrar saídas e que o contributo de cada um de nós e das nossas associações no seu todo, tem um papel importante a desempenhar na reconstrução da nossa sociedade.

J. Tavares

Um Balanço Positivo

Com o aproximar da data do segundo aniversário do “Cultura e Recreio” é justo fazer-se a avaliação dos aspectos positivos e negativos, das fragilidades e potencialidades deste projecto e apurar os resultados, para verificar se fomos mais ou menos eficazes no cumprimento dos objectivos que definimos.

Com o acumular da existência e da experiência é natural que aumente também o grau de responsabilidade e exigência! Este é um paradigma que é partilhado por todos os membros da Direcção da Federação, recentemente eleitos, que preparam um novo ciclo para esta publicação: melhor qualidade gráfica,

melhores conteúdos e melhor distribuição. Olhando para o passado, mesmo correndo o risco de ser suspeito, não tenho qualquer dúvida em afirmar que o meu balanço pessoal é claramente positivo.

O espaço de informação e comunicação que fazia falta ao associativismo local está criado e consolidado, a liberdade de expressão e a pluralidade de opiniões foi salvaguardada e a comunicação está a funcionar. Apesar da falta de cumprimento da periodicidade estabelecida, de algumas falhas na qualidade gráfica e nos conteúdos, o “Cultura e Recreio” não deixou de cumprir a sua missão: fazer eco dos acontecimentos mais importantes que

foram protagonizados pelo movimento associativo.

Quanto a mim, ainda na qualidade de director desta publicação, posso afirmar que foi feito o melhor que se podia fazer com os recursos técnicos, humanos e financeiros que a Federação podia disponibilizar.

Sim, é possível fazer melhor. Vamos conseguir fazer melhor! Porque... adaptando a lei de Murphy – com um pouco mais optimismo à nossa circunstância: se é possível... então vai acontecer!

António Pinto



Estatuto Editorial

- 1 – O “Cultura e Recreio” é a publicação do associativismo feirense e tem como objectivo a formação geral e a divulgação de iniciativas e actividades das colectividades locais, bem como toda a informação de interesse para a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira.
- 2 – Esta publicação terá periodicidade trimestral e será norteadada pelo rigoroso respeito pela boa fé dos leitores, pela liberdade de expressão, pelos princípios deontológicos da imprensa e ética profissional, recusando qualquer alinhamento com forças políticas, económicas ou outras, obedecerá ao respeito pela Declaração Universal dos Direitos do Homem e dos Povos, à Constituição da República Portuguesa e aos nobres valores do associativismo, da solidariedade e coesão social.
- 3 – Será uma publicação aberta à pluralidade de opiniões e à participação activa dos leitores, desde que devidamente identificados e elucidados das suas responsabilidades

personais, salvaguardando-se, sempre que tal se justifique, à direcção editorial, o direito de limitar ou recusar a sua publicação.

- 4 – Na vertente informativa o “Cultura e Recreio” terá sempre a preocupação de salientar todas as versões dos factos, sem prejuízo de relevar o que tiver mais importância segundo critérios puramente jornalísticos, sem cedências a qualquer tipo de pressões e com total independência.
- 5 – O direito de resposta será exercido dentro dos parâmetros da lei da imprensa em vigor.
- 6 – A Direcção Editorial nomeada pela Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira é soberana nas suas decisões sobre conteúdos considerados jornalísticos.
- 7 – O conteúdo comercial, sempre que autorizado pela Direcção da Federação, será da responsabilidade dos anunciantes e condicionado, nos termos legais, ao Código da Publicidade.

Mudar ou definhar

“Reflexões sobre o associativismo concelhio

O associativismo concelhio atravessa uma fase crucial na sua afirmação como movimento independente com influência decisiva no desenvolvimento cultural e social do concelho de Santa Maria da Feira. Independentemente da vontade dos dirigentes, os seus modelos de gestão e as suas bases de sustentação estão a sofrer profundas mutações, exigindo da parte daqueles uma capacidade de análise e de adaptação com as quais nunca tinham sido confrontados. O crescimento ou definhamento do associativismo local depende hoje, mais do que nunca, da disponibilidade dos seus dirigentes para porem em causa os anteriores paradigmas e de reconhecerem que outros os têm que substituir. Não desvalorizando a função puramente social, mas insubstituível, das colectividades, que permitem e promovem o encontro e o convívio entre os seus associados, torna-se vital que encarem de forma natural, consequente e positiva as novas necessidades sociais e culturais das comunidades onde se encontram inseridas, que deixem de ver concorrência nas diversas ofertas de entretenimento que surgem a cada canto. Continuar a clamar contra os gostos da juventude, ficar a lamentar o seu afastamento das colectividades, coloca os dirigentes associativos na posição de “velhos do Restelo”, incapazes de compreender que “o mundo é feito de mudança”.

Uma parte muito significativa das colectividades concelhias nasceu pelos motivos mais condenáveis, nada consequentes com o que se espera de quem deveria ser exemplo quotidiano de

serviço à comunidade e de trabalho solidário e voluntário: umas nasceram da necessidade de afirmação social de algum, ou alguns, dos seus dirigentes, outras nasceram de lutas internas que levaram ao fraccionamento das já existentes, outras ainda para servir interesses políticos e partidários ou fruto de rivalidades entre caciques locais, sem pejo em manipular e provocar longos conflitos dentro das próprias comunidades. É incompreensível que, por exemplo na área da etnografia e do folclore, haja freguesias do concelho de Santa Maria da Feira onde encontramos dois e três ranchos folclóricos, disputando entre si os elementos da tocata, do grupo de vozes ou dos bailadores. Apesar da sua razoável riqueza em matéria etnofolclórica, justificar-se-ia a existência de três, quando muito quatro, ranchos folclóricos em todo o concelho. A verdade é que há mais de três dezenas, mais do que o número de freguesias do concelho, e há muitas freguesias que não têm nenhum. Ao contrário do que alguns poderão pensar, este facto não revela qualquer dinamismo do meio associativo local. Pelo contrário revela, entre outras coisas, uma invulgar e pouco salutar capacidade de copiar o vizinho; revela a falta de imaginação e de verdadeiro empenho dos que, por essa via, se vão transformando em dirigentes associativos. Esta realidade não é exclusiva do folclore e etnografia; razões semelhantes estiveram na base da fundação de colectividades das mais diversas áreas, multiplicando-se a mesma oferta várias vezes na mesma freguesia. Se do ponto de vista da política de aplicação dos

dinheiros públicos esta situação é muito preocupante porque dá lugar a pressões, cedências e favores condenáveis porque todos se acham no direito de ter sede e equipamentos próprios, forçando o poder político a satisfazer-lhes a vontade, os seus efeitos são muito mais perniciosos e duradouros do ponto de vista das consequências sobre a comunidade e o tecido social. Raros são os casos de convivência e solidariedade entre as associações da mesma freguesia e não raros são os casos em que aquelas estão na origem de conflitos que chegam a dividir as próprias famílias, particularmente nas localidades mais pequenas ou de população reduzida. Por outro lado, e independentemente das especificidades próprias de cada área do associativismo, cada uma delas parece mais empenhada em afirmar a sua importância do que em empenhar-se na construção de vias de aproximação e de colaboração mútuas. Assim se esgotam as virtualidades do nosso associativismo, com os seus dirigentes mais ocupados em gerar e gerir conflitos do que em colocar as associações que dirigem ao serviço das respectivas comunidades. Assim se esgotam recursos que urge administrar com parcimónia porque são os que há, e há poucos. Assim se beneficiam algumas colectividades em detrimento de outras, não pelo que acrescentam em cultura, solidariedade, intervenção cívica, mas pelo que conseguem mover em questão de influências.

Victor Sismeiro

Nova Direcção...

Novo Dinamismo

Recentemente eleita a nova direcção da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira tem vindo a imprimir um novo dinamismo na sua forma de trabalhar. A expressão mais visível dessa mudança está patente na constituição das equipas de trabalho que ficarão responsáveis pelos novos sectores de actividade, os quais integrarão três ou mais directores aos quais se juntarão outros elementos exteriores à direcção que tenham conhecimento técnico e experiência capaz de valorizar a equipa.

Foram seis os departamentos ou sectores de actividade que a direcção da Federação constituiu: Administração, Formação e Desenvolvimento Associativo; Folclore; Informação, Comunicação e Imagem; Juventude; Teatro e Viagem Medieval. Estas equipas têm a missão de promover a realização de actividades ou acompanhar de perto a implementação das decisões da direcção, assim como o desenvolvimento de estudos, projectos ou propostas a submeter à apreciação dos órgãos próprios da Federação.

Assim, o Departamento "Administração, Formação e Desenvolvimento Associativo" será coordenado por Joaquim Tavares e contará com mais 4 directores: António Pinto, Nuno Amaro, Márcio Correia e Paulo Joaquim, terá como objectivo a coordenação do trabalho administrativo da Federação, o desenvolvimento de acções de formação e apoio às associações nas várias vertentes de carácter administrativo: gestão, apoio jurídico e fiscalidade, terá ainda a missão de desenvolver outros projectos de apoio e incentivo ao desenvolvimento associativo. Os Departamentos "Folclore" e "Teatro" serão ambos constituídos por três

directores: Marco António, Afonso Jesus e David Neves; Pedro Silva, Victor Sismeiro e Afonso Jesus, respectivamente, terão como objectivo a coordenação de actividades nas áreas correspondentes e as acções de formação para cada um dos sectores.

O Departamento "Informação, Comunicação e Imagem" será coordenado por Victor Sismeiro e contará também com a presença de Paulo Joaquim, Márcio Correia e António Pinto, terá a função de acompanhar o desenvolvimento da publicação "Cultura e Recreio", a renovação do site da federação e todas as outras acções ligadas à comunicação e à imagem. O Departamento "Juventude" será constituído por Lisete Sousa, Nuno Amaro, Márcio Correia e Pedro Silva, terá como objectivo a realização de acções dirigidas aos jovens e às associações juvenis e terá como prioridade a realização de intercâmbios juvenis e a realização de festivais na vertente da expressão musical e edição de vídeo.

O Departamento "Viagem Medieval" terá seis directores com responsabilidades específicas: Joaquim Tavares que para além de fazer parte da comissão executiva coordenará o voluntariado, Victor Sismeiro que continuará responsável pela direcção artística, António Pinto que será responsável pelo envolvimento associativo, Marco António que coordenará a Feira Franca e o sector do Artesanato, David Neves que continuará responsável pelos fornecimentos de louças e assumirá também a coordenação dos espaços das Tabernas, Lisete Sousa ficará responsável pelo guarda-roupa e adereços.

Os membros dos departamentos deverão por norma reunir mensalmente ou sempre

que o coordenador os convoque. Pode também vir a ser permitida a presença a outras pessoas nas reuniões dos departamentos desde que estejam relacionados com os assuntos em discussão, tenham propostas ou sugestões a apresentar e sejam convidadas para o efeito.

Os temas emergentes como a juventude, a comunicação e o apoio administrativo, que se encontrarem em fase de desenvolvimento, merecerão também uma maior atenção dos directores delegados e um maior investimento da direcção nos meios técnicos e financeiros a aplicar para imprimir um novo dinamismo nestas áreas de actividade.

António Pinto



Viagem Medieval em

(contribuição para uma estratégia de envolvimento do meio associativo)

Há um grande potencial não explorado nas associações para responder a muitas das necessidades de animação e recriação do projecto Viagem Medieval em Terra de Santa Maria. É quase inaceitável que, havendo tantos grupos de teatro e tantas colectividades no concelho, continue por resolver o problema da indisponibilidade dos dirigentes, dos associados, dos actores, para a criação de espectáculos, grupos de animação, personagens medievais, áreas temáticas, etc.. Se, por um lado, esta dificuldade revela o verdadeiro carácter do envolvimento

do meio associativo no projecto, por outro prejudica a criação de um verdadeiro ambiente de recriação medieval, que tanto se persegue.

É urgente reflectir profundamente sobre se a Viagem Medieval, que nasceu na Federação das Colectividades, tem alguma importância estratégica na afirmação e crescimento do nosso meio associativo. As preocupações meramente economicistas reveladas no tipo de participação da maioria das colectividades, a atitude de condescendência e, por vezes, de incómodo com

Formas de envolvimento e participação na Viagem Medieval

1 – Animação Âncora

1.1 – Espectáculos colectivos

Entende-se por “Espectáculo colectivo” aquele que tem direcção e encenação da Direcção Artística e no qual participa mais de uma associação, quer com actores quer com figurantes.

1.2 – Espectáculos próprios

Entende-se por “Espectáculo próprio” aquele que é desenvolvido exclusivamente por uma associação, podendo envolver outras associações ou grupos a título de entidades convidadas. A elaboração dos textos poderá ser ou não da responsabilidade da Direcção Artística; não o sendo, deverão ser sujeitos à sua apreciação.

2 – Áreas Temáticas

2.1 – Entende-se por “Área Temática de Recriação Histórica” aquela que propõe um espaço sujeito a enquadramento e controlo de rigor histórico, explorando um tema específico. Poderá ser proposta pela Direcção Artística ou por uma associação ou por um grupo de associações. Nos segundo e terceiro casos, a proposta será sempre avaliada pela Direcção Artística, a quem caberá decidir da sua qualidade e

oportunidade – enquadramento no período histórico a recriar.

2.2 – Entende-se por “Área Temática de Influência Medieval” aquela que propõe um espaço que explora um mito ou tema do imaginário medieval. A exemplo das áreas temáticas de recriação histórica, poderão ser propostas pela Direcção Artística, por uma associação ou por um grupo de associações. Nos segundo e terceiro casos, serão igualmente avaliadas pela Direcção Artística.

2.3 – Não existindo um espaço destinado à concentração num único local da recriação de artes e profissões vindas da época medieval, os “Ofícios” no seu conjunto deverão ser considerados uma área temática específica, ainda que diluída no espaço geral da Viagem Medieval. Também aqui as associações poderão ter um papel significativo na identificação e mobilização de pessoas e/ou entidades que possam recriar essas profissões. A avaliação da pertinência das propostas será sujeita ao controlo do rigor e enquadramento histórico por parte da organização da Viagem Medieval e, aprovada por esta.





Terra de Santa Maria

que são recebidos tantas vezes os convites à participação e envolvimento no projecto, devem fazer-nos reflectir. Para a grande maioria, a Viagem Medieval é apenas mais uma fonte de receita; para alguns dirigentes, outros responsáveis, actores e outros associados das colectividades, a participação é “mais um frete” que fazem o favor de conceder.

E esta atitude não é exclusiva dos dirigentes associativos como tal; dentro dos órgãos sociais da Federação verifica-se exactamente a mesma coisa, o que tem como consequência uma

enorme dificuldade em afirmar a Viagem Medieval em Terra de Santa Maria como o grande acontecimento do movimento associativo concelhio.

Por isso se torna indispensável reconhecer e retribuir, com ponderação e justiça, o verdadeiro envolvimento de cada associação no projecto, dando a cada uma o que verdadeiramente merece.

Por isso se deve privilegiar o envolvimento em detrimento do aproveitamento da oportunidade.

2.4 – A área dos “Artesãos” deverá ser considerada e tratada nos mesmos moldes da área dos “Ofícios”.

2.5 – No seu conjunto, os espaços animados pelas “Tabernas” são considerados como uma área temática, ainda que com especificidades próprias. Dado o seu carácter de espaço colectivo e de objectivos meramente mercantis para as associações, tem um tratamento diferenciado de todas as restantes. No entanto é vital que cada associação coloque a si mesma uma genuína vontade de envolvimento no projecto e que se disponha a empenhar todas as suas capacidades com vista a um bom desempenho.

3 – Animação Circulante

3.1 – Música, Dança e Artes Circenses

Os grupos de música e de artes circenses são aqueles que, aos olhos do público, mais importância têm na criação dos momentos festivos nos diversos espaços e ao longo de todo o período de duração da Viagem Medieval. Por norma são também aqueles a quem é exigido um maior empenho e envolvimento. O seu desempenho durante a Viagem

Medieval reflecte o trabalho de preparação e formação realizado ao longo do ano, que deve ser devidamente reconhecido. Para além dos espectáculos que lhes são directamente destinados na programação, estes grupos são solicitados quase sempre para participarem em diversos momentos da “Animação Âncora”.

3.2 – Outros grupos de animação

São assim considerados os grupos que propõem a apresentação de pequenas peças de teatro de rua ou pequenos espectáculos da mesma natureza. Podendo não ter o mesmo impacto junto do público que têm os grupos de música, dança e artes circenses, são essenciais na criação de momentos que tanta influência podem ter no ambiente e espírito que se pretendem recriar.

Pela sua natureza, estes grupos são também requisitados habitualmente para participar na “Animação Âncora”.

3.3 – Personagens

Individualmente ou em grupos, as “Personagens” são um elemento fundamental na recriação do ambiente medieval. Mendigos, aleijadinhos, curandeiros, adivinhos, cegos, bêbados,

músicos, vendedores de mezinhas, lavadeiras, mercadores, mestres de ofícios, aguadeiros, jogos e brincadeiras infantis e tantos mais, é enorme o manancial de personagens que podem ser exploradas no projecto e que contribuirão de forma decisiva na recriação do mundo e do tempo medievais.

3.4 – Figuração

Uma família ou um grupo de amigos devidamente trajados e respeitando um pequeno conjunto de regras de comportamento poderão dar igualmente a sua contribuição quer nos espectáculos, quer nos cortejos, quer simplesmente passeando no perímetro da Viagem Medieval.

O leque de oportunidades de participação na Viagem Medieval em Terra de Santa Maria é de tal forma vasto que não se vislumbra motivo que justifique que qualquer associação concelhia fique de fora. Envolver-se ou não no projecto depende, antes de mais, da vontade do meio associativo e dos seus dirigentes e responsáveis.

Victor Sismeiro

Formação

Instrumentos Tradicionais com a maior participação de sempre



A formação em Instrumentos Tradicionais, promovida pela Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de Santa Maria da Feira, que está a decorrer em várias localidades do concelho registou a maior participação de sempre. Com um público-alvo predominantemente jovem, com uma dinâmica própria baseada na participação activa do movimento associativo e um processo pedagógico fiel à tradição oral que no fundo está na base de todos os processos de aprendizagem: Ver, Compreender e Fazer... esta iniciativa veio revelar a evidência do potencial de sucesso que tem a simplicidade e a proximidade que caracteriza a acção das nossas associações locais. A Federação das Colectividades continua a eger a formação como um dos objectivos estratégicos da sua acção, este esforço de valorização, inovação e partilha de conhecimentos será sempre transversal a todas as outras actividades da vida associativa.

Nasce magia num teclado sem números nem letras

No interior de quatro paredes, olhos pregados num monitor procuram outros mundos. À distância de um click sou bombardeado com constantes informações sobre outras culturas e tradições. O que era um local longínquo está mesmo diante de nós.

Os dedos escrevem agilmente as pautas de várias músicas, num teclado de letras e números, produzindo uma sinfonia de *clicks* e de *clacks*. Na mão do maestro, a batuta estendida sobre a mesa dirige uma orquestra composta pelos meus "amigos": *fofinha_18*, *anokas20*, *Betty*, *Batman* e *Romeu32*.

Hoje, não sou a personagem daquele jogo de aventuras, que tem o meu nome e evolui à medida dos pontos amealhados e passo de nível. Sou um actor que procura interpretar a cultura e as tradições do nosso povo.

Desligo a máquina, saio do mundo de ilusões para sentir as emoções da vida, naquele cantinho onde nasce a arte, bem perto de mim, numa Associação do Concelho de Santa Maria da Feira. Levo o meu instrumento para frequentar mais uma aula do Curso de Instrumentos tradicionais.

Juntamente com meus novos amigos, que não usam "nick" no nome, aprendemos num espírito de amizade e de convívio a tocar um instrumento tradicional. Ouvimos atentamente as indicações do nosso formador que tentamos reproduzir. Uma vez queremos tocar um Dó mas sai um Si, outras vezes é o Si que queremos mas lá sai o Mi. Como num jogo, vamos perdendo várias "vidas" nas tentativas. Em cada erro cometido duplica a nossa concentração, em cada nota falhada aumenta o apoio dos nossos amigos, até que conseguimos passar de nível. As mesmas notas que soltavam ruídos produzem uma bela melodia. Nasce magia num teclado sem números nem letras.

Sessenta e oito formandos produzem magia: num teclado sem números nem letras ou nas cordas dos cavaquinhos, guitarras e violas braguesas... todas as semanas, no Curso de Instrumentos Tradicionais organizado pela Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de S. M. da Feira. Na época da tecnologia e da informação, estes formandos abdicam por alguns momentos de ver televisão, utilizar computadores,

Internet, telemóveis, pelo prazer de tocar um instrumento tradicional. Libertam-se do isolamento das quatro paredes para conquistar novas amizades. A globalização é reduzida à nossa região. Procura-se preservar o que é verdadeiramente nosso. Grupos Folclóricos encontram elementos qualificados capazes de enriquecer as suas tocatas.

A Federação das Colectividades de Cultura e Recreio do Concelho de S. M. da Feira sente uma enorme satisfação pela adesão significativa aos Cursos de Instrumentos Tradicionais. Com efeito, as associações souberam aproveitar de uma forma óptima a formação e os recursos que estavam ao dispor.

Encontro de encerramento dos Cursos de Instrumentos Tradicionais

O Encontro de encerramento dos Cursos de Instrumentos Tradicionais ocorrerá no dia 9 de Junho de 2009, pelas 21h30m, na sede do Rancho Folclórico "As Florinhas" das Caldas de S. Jorge. Será um momento único em que, os formandos terão a oportunidade de demonstrar o seu talento no instrumento tradicional que aprenderam perante os seus familiares e amigos. Será o culminar de uma iniciativa de sucesso que é um dos pilares que sustenta a Federação: proporcionar formação às Associações do Concelho de S. M. da Feira.

Afonso Jesus



FESTA DE ENCERRAMENTO DO CURSO DE INSTRUMENTOS TRADICIONAIS

09 JUNHO 2009
21H30

Sede do Rancho Folclórico
"As Florinhas" de Caldas de S. Jorge



Organização Federação das Colectividades

Concerto

Igreja Paroquial de Mosteirô
23 de Maio – 21H30

Orquestra de Câmara do Conservatório de Música de Fornos
dirigida por **Susana Leite**

Obras de
G. Haendel
J. S. Bach
C. Gates

Participação especial
Grupo Coral Santo André



maio cultural

III café com Jazz



GADJO GALOM

sáb. 16 maio'09 | 22h00

Salão Nobre do Orfeão da Feira

entrada livre

Centro de Cultura e Recreio do Orfeão da Feira
Tel. 254 363 422 - fax: 254 363 428 - Site: 254 378 817
E-mail: orfeao@orfeao.pt - www.orfeao.pt

7ª EDIÇÃO
28 - 31 MAI '09

o imaginarius
festival internacional de teatro de rua
santa maria da feira
www.imaginarium.pt



PT - Associação de Municípios do Alentejo
M.C. - Associação de Municípios do Alentejo
ARTES - Associação de Municípios do Alentejo
ATA - Associação de Municípios do Alentejo

XXVI Festival Folclórico do Castelo

Castelo de Santa Maria da Feira



27 de Junho de 2009 - 21:30h

Organização:



Rancho Regional de Argoncilhe



santa maria da feira
câmara municipal

Apoio Técnico:



Federação de Futebol Português

Redacção e Administração:
Rua S. Paulo Cruz, 12 r/c
4520-249 Santa Maria da Feira
Tel. 256 373 235 - Fax 256 373 244

e-mail: culturaerecreio@gmail.com
Director: António Pinto
Equipa de redacção: Vera Jesus, Paulo
Joaquim, Isabel Gilde e Nuno Amaro

Propriedade:
Federação das Colectividades de
Cultura e Recreio do Concelho de Santa
Maria da Feira

Design e Impressão: Cor Ideal
Tiragem: 1.000 exemplares
Distribuição gratuita.
Insc. ERS N.º 125230



VIAGEM MEDIEVAL EM TERRA DE SANTA MARIA

WWW.VIAGEMMEDIEVAL.COM



VOLUNTARIADO
2009

30 JUL • 09 AGO

INSCRIÇÕES ATÉ 15 MAIO

| feira viva | piscinas municipais | casas da juventude | postos de turismo |
| biblioteca municipal | federação das colectividades | loja ponto já |

REQUISITOS

- maior de 16 anos •
- disponibilidade •
- espírito de equipa •
- boa disposição •

a organização reserva-se no direito de efectuar uma pré-selecção

